

## **Triagem: Uma decisão do jornalista-autor<sup>1</sup>**

Teresa LEONEL<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia – UNEB - Campus Juazeiro

### **Resumo**

A abordagem neste artigo centra o olhar com inspiração nas teorias do jornalismo, mais especificamente nas teorias do *gatekeeper* e do *gatewatching* para compreender como o jornalista-autor, Ricardo Noblat, estabelece-se em um contexto comunicacional. A partir da sua experiência como profissional, define a triagem e a seleção das notícias e demais conteúdos considerados relevantes e que, portanto, devem ser veiculados no Blog do Noblat. Isso funciona como forma de construção de uma noção de autoria no terreno jornalístico. A discussão sobre a prática jornalística em blog como espaço de interação entre o produtor de conteúdo e o internauta, possibilita outros formatos comunicacionais e contribui nas pesquisas de comunicação no ciberespaço na medida em que o blog noticioso ganha corpo como objeto de estudo de gêneros jornalísticos.

**Palavras-chave:** Blog do Noblat; autor; triagem; ciberespaço, gêneros jornalísticos.

### **O fazer jornalístico de Ricardo Noblat**

Se o jornalismo está longe de ser o espelho do real e se apresenta na construção social de uma suposta realidade, refletindo-a e ajudando a construí-la, é preciso pensar na função do jornalista como o responsável na definição de critérios que apontem as razões pelas quais ele sistematiza ou prioriza a notícia a ser publicada.

Mauro Wolf (2002), baseando-se nas pesquisas do *newsmaking* da socióloga Gaye Tuchman, apresenta três vertentes principais para essa teoria: a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. A socióloga aponta, como ponto fundamental no processo, a análise da organização do ofício jornalístico, sem a qual seria impossível produzir notícias, uma vez que existe uma superabundância de fatos que acontecem no cotidiano da sociedade. Wolf

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus Juazeiro e coordenadora do colegiado do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Faculdade São Francisco de Juazeiro (FASJ-BA). Coordenadora da Agência Experimental Base (FASJ) e dos Projetos de Extensão em Rádio, Eufonia, e na Internet, WebTV da UNEB Juazeiro. É graduada em sociologia e jornalismo, especialista em Ensino da Comunicação pela UNEB e mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas pela UFPB. Integra o grupo de pesquisa Gêneros Jornalísticos e é membro associada da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

apresenta, então, três obrigações que os órgãos de informação devem cumprir para produzir o noticiário, de acordo com os estudos de Tuchaman:

- tornar possível o reconhecimento de um fato desconhecido como acontecimento notável;
- elaborar formas de relatar os acontecimentos que não tenham a pretensão de dar a cada fato ocorrido um tratamento idiossincrático;
- organizar, temporal e espacialmente, o trabalho de modo que os acontecimentos noticiáveis possam afluir e ser trabalhados de uma forma planificada. (WOLF, 2002, p. 189).

Dito de outra forma, o processo de produção da notícia é planejado como uma rotina industrial. Estabelecem-se critérios específicos e limitados de forma organizacional. Sobre esses três pontos, Felipe Pena (2005) ressalta que, embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas, sim, a submissão a um planejamento produtivo. Pelo menos quando se estabelece uma relação de contrato profissional ou um serviço prestado pelo jornalista a uma empresa de comunicação. Mas esta prática vem sofrendo alterações importantes que apontam para novas configurações comunicacionais (LEMOS; LEVY, 2010).

Trazendo um pouco as informações sobre essas mudanças, o pesquisador Dizard (2000) explica que a primeira transformação para essas novas configurações começou com a introdução das impressoras a vapor e do papel jornal barato no século XIX; a segunda ocorreu com as transmissões por ondas eletromagnéticas e a terceira “envolve uma transição para produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturados em computadores” (LEMOS; LEVY, 2000, p. 53).

No Brasil, a substituição da máquina de escrever pelo computador começou no final da década de 1960, a partir das oficinas de composição, chegando às redações somente 20 anos depois (DIZARD, 2000). As mudanças tecnológicas contribuíram, em muitos aspectos, nas rotinas produtivas estabelecidas nos fluxos da função massiva. De acordo com Lemos e Levy (2010, p. 48), como função massiva “compreende-se um fluxo centralizado de informação com o controle editorial do polo da emissão por grandes empresas em processo de competição, financiadas pela publicidade”. Processo estabelecido nos chamados grande meios de comunicação como a TV, rádio e o jornal. Em contraponto, os pesquisadores chamam atenção para as funções pós-massivas que se caracterizam por “abertura do fluxo informacional, pela liberação da emissão e pela transversalidade e personalização do consumo da informação” (LEMOS; LEVY, 2010).

O fazer jornalístico sempre acompanhou o desenvolvimento dos meios de produção. Hoje, a rotina jornalística pode ser feita com profissionais trabalhando 24 horas por dia, sete dias por semana. As redações podem ser fixas, nas empresas, assim como em outros espaços. A logística de enviar ou receber informação, coletar, apurar e selecionar conteúdo pode ser feita em casa por meio do telefone, de e-mails e da participação em redes sociais<sup>3</sup> como Twitter<sup>4</sup> ou Facebook<sup>5</sup>, por exemplo. Essas mudanças se devem, em boa parte, à informatização dos meios de comunicação. Pode-se dizer de certa forma, que o modo de produção do jornalista Ricardo Noblat está para função pós-massiva<sup>6</sup> considerando o uso das diversas modalidades para viabilizar seu trabalho no blog.

São elas: imagens coletadas de terceiros (estabelecendo os créditos ao produtor do material); textos selecionados de outros veículos de comunicação para compor a rotina de produção diária do blog (média de 42 a 46 post/dia); postagem de áudio e vídeo utilizando outros canais como YouTube<sup>7</sup>, participação de internauta como produtor de conteúdo. Um dos posts fixos, veiculado mais ou menos às 16h, todos os dias, é “A Hora do Recreio”. Geralmente é um vídeo, hospedado no site YouTube, ao qual o usuário pode assistir na própria página do blog. Neste mesmo post, existem alguns links “chamando” o internauta a navegar em outros conteúdos como a “Estação Jazz e Tal, a rádio do blog” e a “página de vídeos políticos do Blog do Noblat” ou acompanhar o jornalista na rede social do Twitter<sup>8</sup>. Este espaço, inclusive, Noblat utiliza para fazer chamadas para o blog. A rede social é um aporte para divulgar a produção do blog e, ao mesmo tempo, interagir com os internautas que participam das duas plataformas comunicacionais.

Ainda que esteja hospedado no portal do jornal O Globo<sup>9</sup>, Noblat, como autor da sua produção, estabelece a forma organizacional específica da sua rotina de trabalho. Ele tem total autonomia para selecionar e priorizar o material a ser veiculado no blog. O jornalista faz um planejamento para produção, no entanto, sem a limitação de ações para desenvolver suas atividades.

---

<sup>3</sup> Uma rede social é compreendida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e suas conexões. Essas conexões são entendidas como os laços e relações sociais que ligam as pessoas por meio da interação social. (RECUERO, online, 2005).

<sup>4</sup> [www.twitter.com](http://www.twitter.com)

<sup>5</sup> [www.facebook.com](http://www.facebook.com)

<sup>6</sup> Função personalizável, interativa, estimulando não só no consumo, mas também na produção e distribuição de informação. (LEMOS; LEVY, 2010, p.47)

<sup>7</sup> [www.youtube.com](http://www.youtube.com)

<sup>8</sup> <https://twitter.com/#!/BlogdoNoblat>

<sup>9</sup> <http://noblat.oglobo.globo.com/>

Eu trabalho geralmente durante o dia por telefone, saio pra ver alguma coisa no Congresso ou no Planalto, quando é muito importante e, sempre, à noite, duas ou três vezes por semana, junto com pessoas, com políticos [...]. (NOBLAT, 2011).

Nesse ponto, percebemos um diferencial na produção de trabalho do Noblat em relação a jornalistas vinculados a empresas de comunicação que vivenciam roteiros de atividades a serem cumpridos numa carga horária de cinco ou seis horas diárias, durante sete dias. Em uma redação de um grande veículo, os jornalistas atuam em editorias distintas, participam, todos os dias, de uma ou duas reuniões de pauta<sup>10</sup>, recebem as indicações das matérias a serem apuradas, seguem para contatos, coleta das informações, produção da matéria e postagem para editoração que poderá ser editada e modificada pelo editor- geral ou chefe de redação<sup>11</sup>. De modo simplificado, podemos anotar essa rotina de produção como algo comum (ainda) nas grandes redações. É importante ressaltar que esta produção tem a ver com uma rotina cotidiana de cobertura de fatos atuais, no dia a dia das grandes cidades.

Percebemos uma diferenciação da rotina produtiva do Noblat com outros jornalistas, também colunistas, que têm vínculos empregatícios com empresas de comunicação. O jornalista Clovis Rossi<sup>12</sup>, da Folha de São Paulo, por exemplo, tem uma coluna no jornal impresso e na Folha Online<sup>13</sup>, com veiculação nas terças, quintas e domingos. Rossi, que também atua no jornalismo, sobretudo no jornal impresso, há mais de 40 anos, desenvolve uma carga de trabalho menos exaustiva do que a de Noblat.

Ainda que se tenha alterado o modo de produção do fazer jornalístico dos profissionais, considerando as mudanças de espaços físicos das redações que “abandonam” o antigo modelo segmentado e especializado para dar lugar a ambientes integrados e sob coordenações que buscam intensificar um relacionamento entre mídias (impresso e online), por exemplo, o fazer jornalístico de Ricardo Noblat não pode ser comparado dentro dessas estruturas redacionais. O fazer dele é um diferencial estabelecido pelo seu modo e ritmo de produção.

---

<sup>10</sup> Definição dos assuntos a serem produzidos e veiculados no jornal.

<sup>11</sup> A referência dessa rotina de produção tem a ver com a minha experiência como profissional da empresa no período de 2006 a 2008 em Petrolina e Recife-PE.

<sup>12</sup> Clóvis Rossi é repórter especial e membro do Conselho Editorial da Folha, ganhador dos prêmios Maria Moors Cabot (EUA) e da Fundación por un Nuevo Periodismo Iberoamericano. Assina uma coluna nas terças, quintas e domingos, no caderno "Mundo" da Folha. É autor, entre outras obras, de "Enviado Especial: 25 Anos ao Redor do Mundo" e "O Que é Jornalismo".

<sup>13</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/clovisrossi/>

A rotina diária de Ricardo Noblat começa na madrugada, quando ele lê inúmeros jornais na rede (nacionais e regionais) e produz um clipping eletrônico com as principais informações. Vai dormir entre quatro e cinco horas da manhã, depois de publicar esse resumo no site, e acorda por volta das onze horas, quando passa a trabalhar ao telefone e diante do computador apurando e escrevendo matérias. Essa rotina ocorre desde o ano de 2004, quando ele passou a produzir praticamente sozinho para o blog. Além da seleção de conteúdo a ser veiculado, Noblat também alimenta sua rede social, por meio do Twitter, divulgando o conteúdo que está postando no blog e, ao mesmo tempo, fazendo comentários pontuais que estimulam o internauta a “visitar” o espaço.

A intensificação do uso dessas novas tecnologias pode facilitar para o jornalismo e para o jornalista, mas não desvincula o profissional da sua função de selecionar e definir o que deve ou não ser publicado. Nesse ponto, precisamos pensar sobre uma das questões da teoria do newsmaking: a noticiabilidade. Os pesquisadores Wolf e Traquina ressaltam que precisamos compreender

a noticiabilidade (newsworthiness) como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia, desde características do fato, julgamentos pessoais do jornalista, cultura profissional da categoria, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, qualidade do material (imagem e texto), relação com as fontes e com o público, fatores éticos e ainda circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. (WOLF, 2002; TRAQUINA, 2008).

Wolf (2002, p. 190) aponta ainda que

a noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias. Tudo o que não corresponde a esses requisitos é ‘excluído’ (grifo original), por não ser adequado às rotinas produtivas e aos cânones da cultura profissional.

Essa análise é interessante para se pensar a relevância da notícia também no ciberespaço<sup>14</sup>. No caso da produção do blog do Noblat, não existe negociação de pautas e assuntos a serem discutidos entre editores, repórteres e outros atores do processo

---

<sup>14</sup> Espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. (LEVY, 1999, p.2). O estudioso afirma que o ciberespaço não é uma infraestrutura, mas sim uma forma de usar e explorar as infraestruturas existentes.

produtivo na redação. A redação se faz com ele (Noblat) indicando uma pauta ao único repórter do blog. As demais temáticas a serem veiculadas são feitas por colaboradores, definidos pelo próprio Noblat, bem como as matérias de outros sites noticiosos postadas no blog.

Efetivamente, a seleção e a hierarquização dos fatos se dão baseadas no que se convencionou chamar valores-notícia, características que devem ter os acontecimentos para fazer parte da produção da agenda da mídia. O manual da Folha de São Paulo (2001, p. 43) relaciona os critérios elementares para definir a importância de uma notícia:

- a) ineditismo (a notícia inédita é mais importante do que a já publicada);
- b) improbabilidade (a notícia menos provável é mais importante do que a esperada);
- c) interesse (quanto mais pessoas possam ter sua vida afetada pela notícia, mais importante ela é);
- d) apelo (quanto maior a curiosidade que a notícia possa despertar, mais importante ela é);
- e) empatia (quanto mais pessoas puderem se identificar com o personagem e a situação da notícia, mais importante ela é).

E como o jornalista Ricardo Noblat faz isso? Vejamos o post registrado na Figura 02 e veiculado no Blog do Noblat dia 17 de abril de 2012. A foto, publicada no jornal O Globo, como parte da cobertura fotográfica da 1ª Conferência de Alto Nível Parceria Para Governo Aberto<sup>15</sup>, que ocorreu nos dias 16 e 17 de abril 2012, em Brasília, se refere a um momento específico em que a presidente Dilma Rousseff pede um xale a sua assessoria, para se aquecer durante a abertura do evento.

Noblat traz a imagem para o blog com outra conotação. Associa o momento exato em que a presidente abriu o xale e, conseqüentemente, escondeu o rosto com o momento de incerteza sobre a abertura de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), envolvendo o Senado e a Câmara Federal, (17 de abril/2012), para investigar os negócios do empresário de jogos de azar, Carlos Augusto Ramos, o Carlinhos Cachoeira.

---

<sup>15</sup> A Open Government Partnership tem o objetivo de fortalecer políticas nacionais de transparência e combate à corrupção por meio do intercâmbio de experiências em execução nos países que integram o grupo. O encontro foi copresidido pelos governos do Brasil e dos Estados Unidos e também participaram representantes de 42 países.



Figura 2 - “CPI? Dilma não quer nem ver...” Veiculado dia 17/04/2012<sup>16</sup>

Na apresentação do post, a partir do título “CPI? Dilma não quer nem ver...” (Figura 2) verificamos uma série de elementos que compõem a informação que tornam a publicação relevante: fatores políticos intrinsecamente relacionados ao momento em que os fatos estão ocorrendo; a improbabilidade do comparativo (a imagem foi produzida pelo fotógrafo Gustavo Miranda, possivelmente, como registro de um momento); o apelo e o interesse, já que desperta uma curiosidade natural dos internautas do blog sobre a temática e seus desdobramentos.

O estudioso Felipe Pena (2005) afirma que não é possível encarar os pressupostos de uma roteirização do trabalho, do processo de produção e da cultura jornalística como pontualmente deterministas. Isso pode ajudar a entender que o jornalista que produz conteúdo no ciberespaço deve ir além das relações com as fontes e apuração da informação. Há uma constante variação que envolve o internauta e seus interesses de leitura e a definição de conteúdo a ser publicado. Foi trilhando esse caminho que Noblat começou a construir uma nova estrutura comunicacional para dar corpo ao seu blog.

O blog vem construindo seu perfil ao longo desse tempo. No começo, era tudo muito espontâneo, depois vi a necessidade de criar uma espécie de ‘grade’ de programação como a televisão que tem alguns programas âncoras. No caso do blog, não posso prever quando a notícia acontece. Ela entra de toda forma. (NOBLAT, 2011).

<sup>16</sup><http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2012/04/17/cpi-dilma-nao-quer-nem-ver-440487.asp>

Outro exemplo que ressalta a improbabilidade da notícia está no post “Hora do Recreio: Até quem sabe (De Lula para faixa)”, veiculado dia 03 de janeiro de 2011. Embora tenha um contexto subliminar de apresentar o conteúdo, a mensagem tem a ver com o período em que o ex-presidente, Luis Inácio Lula da Silva, saiu oficialmente da presidência da República, depois de dois mandatos (2003 a 2010), e sua sucessora, indicada e apoiada por ele, Dilma Rousseff assumira a presidência do país no dia primeiro de janeiro de 2011. Na época, o ex-presidente Lula era (e ainda é) um político fortemente presente e influenciador nas ações eleitorais e governamentais da presidente Dilma Rousseff. O conteúdo do post traz a música “Até quem sabe”<sup>17</sup> e parte da letra tem as frases “até um dia, até talvez, até quem sabe...”.

Quando Noblat ressalta o título com a frase entre parêntese, “De Lula para faixa”, aponta a provocação da mensagem. A associação dessa informação parece querer nos induzir a refletir que Lula ainda se posiciona como presidente da República. É como se a música passasse um lembrete tipo: “ainda estou vivo... posso voltar... estou por aqui...”. Claro que essa análise é subjetiva e proposital. No entanto nos faz pensar o modo como o jornalista percebe e acompanha a conjuntura política do país e os seus representantes legitimados nas eleições<sup>18</sup>. Para compreender melhor essa análise, podemos recorrer a outro post veiculado no blog praticamente um mês depois da publicação da “Hora do Recreio - Até quem sabe (De Lula para faixa)”.

Pensando em voz alta

15.02.2011

Nem Aécio Neves, nem Eduardo Campos, muito menos José Serra.

Só tem um nome, hoje, capaz de evitar a volta de Lula ao poder em 2014 caso ele queira: Dilma Rousseff.

Não gosta da ideia? Vá se acostumando<sup>19</sup>.

Nesse post, percebemos uma complementação do que o Noblat apontou no post da música “Até quem sabe”. Ele se posiciona dentro do texto fazendo previsões eleitorais para 2014 quando, naquela época, (fevereiro de 2011), o governo de Dilma tinha apenas um mês e quinze dias. O modo enfático, incisivo e seguro como que ele se posiciona diante de um governo recém-empossado e que, portanto, não tinha

<sup>17</sup> Composição de por João Donato e Lysias Enio, interpretação da cantora Leila Pinheiro. <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/01/03/ate-quem-sabe-leila-pinheiro-de-lula-para-faixa-353457.asp>

<sup>18</sup> A eleição de Dilma Rousseff em 2010 foi apontada por muitos estudiosos e pela imprensa nacional como uma marca de continuidade do projeto de país iniciado pelo Governo Lula e com total apoio dele sem o qual ela não seria eleita.

<sup>19</sup> <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2011/02/15/pensando-em-voz-alta-362469.asp>



apresentado ainda o perfil próprio de gestão, diz muito sobre a imagem da presidente Dilma totalmente associada ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. Analisando um pouco as duas veiculações, compreendemos que o jornalista parece querer chamar atenção do internauta para uma reflexão sobre o papel do político Lula em relação à governabilidade da presidente Dilma.

### **Quando Noblat é o *gatekeeper* e o *gatewatching***

Nas mãos de alguém, o poder de decidir o que publicar. Talvez seja esta, resumidamente, a ideia central da teoria do *gatekeeper*. Iniciado em 1947 pelo psicólogo Kurt Lewin, o termo não se referia ao jornalismo. (PENA, 2005). Foi elaborado para estudar os problemas ligados à modificação dos hábitos alimentares em determinado grupo social. O conceito de *gatekeeper* (ou ‘porteiro’) começa mesmo a ser aplicado na área de jornalismo, pela primeira vez, em 1950, por David Manning White. No estudo, White analisou a forma como “Mr. Gates”, editor telegráfico de um matutino localizado em uma cidade norte-americana, selecionava as notícias que seriam publicadas no jornal. Examinando as razões apresentadas para a rejeição das matérias, White chegou à conclusão de como a “comunicação de notícias é extremamente subjetiva e desprovida de juízos de valor baseados na experiência, atitudes e expectativas”. (WHITE apud TRAQUINA, 1999, p. 145).

Em uma visão restrita em que se estabeleceu a grande mídia<sup>20</sup>, em função do imenso número de coisas que acontecem no cotidiano da sociedade, só viravam notícias aquelas que passavam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês). E quem decidia isso era o próprio jornalista que assumia a função de *gatekeeper*, o ‘porteiro’, e selecionava o que deveria ou não ser publicado. Os estudos posteriores da pesquisa de White (1993) apontaram para visão restrita do *gatekeeper* em relação à notícia. Os critérios profissionais ligados às rotinas de produção e à eficiência e à velocidade estavam influenciando as decisões dos jornalistas no momento da escolha. (PENA, 2005).

Ainda nos dias atuais, em que publicar conteúdo na internet é uma ação deliberada, sem controle e sem regulamentação definidas, a função de *gatekeeper* no jornalismo está sendo redefinida, se pensarmos nesse ambiente como espaço da

---

<sup>20</sup> Por grande mídia consideramos os veículos de comunicação de massa como TV, Rádio, Jornal.

*cibercultura*<sup>21</sup>. Dentro da concepção dessa teoria, significava a “morte” da notícia, por exemplo, quando o jornalista selecionava, fazia a triagem e definia a não publicação da informação. Esse contexto não mais se aplica hoje na produção de informação. Pelo menos não no sentido restrito ao controle de uma notícia nas mãos de um único veículo ou de um produtor de conteúdo ou mesmo do internauta.

Se na teoria do *gatekeeper* entende-se que o processo de produção da notícia se dá a partir de uma série sucessiva de escolhas, na qual determinada informação tem de passar por diversos portões, nas áreas de decisões em que os jornalistas selecionam ou não a informação -- no caso específico do Blog do Noblat -- este portão começa e encerra nele mesmo. E o que diferencia então da função do *gatekeeper* na grande mídia? Possivelmente, a escolha individualizada do Noblat na seleção quanto ao que publicar.

A pluralidade da informação é um dos critérios pelo qual o jornalista Ricardo Noblat define os colaboradores para o blog. A seleção destas pessoas é feita pelo próprio Noblat. São políticos, personalidades, intelectuais, escritores, jornalistas, entre outras categorias, que postam artigos semanalmente, quinzenalmente ou mensalmente no blog. A programação para postagem dos articulistas, como ele se refere, é definida pela historiadora Maria Helena Rubinato, que colabora com o blog voluntariamente e prepara uma planilha com os nomes/dias dos articulistas.

Entre os colaboradores e articulistas do blog dois nomes chamam atenção: o ex-senador Demóstenes Torres, sem partido-GO<sup>22</sup>, e o ex-deputado do PT, José Dirceu. Noblat faz a sua explicação:

Convidei José Dirceu para escrever no blog, porque é um cara polêmico, muita gente detesta e muita gente ama. E uma das coisas que me preocupo muito no blog, apesar de ter minhas opiniões. Eu quero que o blog seja muito plural. Tenha representantes de várias correntes de opinião. O blog você faz do jeito que você quer. O meu sempre quis que fosse lido não apenas por gente de uma determinada linha de pensamento. (NOBLAT, 2011).

A explicação do Noblat pode estar fundada no contexto da pluralidade de opiniões como exercício do debate democrático. No entanto, entendemos que

---

<sup>21</sup> Para Lemos (2004 apud Lemos e Lévy, 2010, p. 21) cibercultura é o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a micro informática e os surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, prática de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social.

<sup>22</sup> Em março de 2012, conforme investigações da Polícia Federal na Operação Monte Carlo, o senador Demóstenes Torres (na época estava no DEM-GO) tinha ligação com o empresário de jogos ilícitos Carlos Augusto de Almeida Ramos, o Carlinhos Cachoeira, pivô do escândalo que ficou conhecido, em 2004, como "máfia dos caça-níqueis" em Goiás. O senador pediu afastamento do partido DEM-GO no dia 03.04.12, em função do seu envolvimento como facilitador de tráfico de influência e corrupção no Congresso Nacional em favor de Carlinhos Cachoeira.

determinadas linhas de pensamento, a exemplo do senador Demóstenes Torres, que apesar de ser suspeito – com várias evidências apresentadas pela Polícia Federal e divulgadas pela imprensa – de envolvimento com o empresário de jogos ilícitos, Carlos Augusto de Almeida Ramos, o Carlinhos Cachoeira, ainda assim, continuou publicando seus artigos no blog até a cassação do mandato em 11 de julho de 2012. Outro questionamento que poderemos fazer, ainda, se refere à participação do ex-ministro, José Dirceu<sup>23</sup>, que fazia um artigo por semana no blog. Ele tem uma trajetória política de referencia no processo de redemocratização do país, em 1980, ajudou a fundar o Partido dos Trabalhadores (PT), do qual foi presidente nacional durante a década de 1990, exerceu vários mandatos como deputado estadual e federal e foi Ministro-Chefe da Casa Civil da Presidência da República, de janeiro de 2003 até 2005. No entanto, em 2005 deixou o Governo Federal acusado pelo deputado Roberto Jefferson (PDT-RJ) de ser o mentor do Escândalo do Mensalão<sup>24</sup>.

Fazer um juízo das escolhas do Noblat sobre esses articulistas, especificamente, pode parecer tendencioso ou desfavorável à defesa que o jornalista faz em relação à pluralidade de opiniões e a tentativa de atender a todos os internautas com pensamentos divergentes. No entanto, tamanha facilidade de acesso às informações, proporcionada pelas novas tecnologias digitais, pode levantar questionamentos no modo como os internautas se sentem representados ou não nos textos produzidos por esses articulistas e veiculados no blog.

Ao perceber que, na Internet, não há limites físicos para a publicação de notícias, além dos custos relativamente mais baixos que os da imprensa escrita, o pesquisador Axel Bruns (2005/2009), da Universidade de Queensland, na Austrália, argumenta que o *gatekeeping* perde muito de sua força nessa nova reconfiguração do jornalismo. Bruns é um dos estudiosos que se propõem a pensar as novas formas de produção da notícia. Embora ele enfatize a questão de colaboração aberta de notícias, de modelos que caracterizam em blogs e vários sites, a exemplos de *Indymedia*<sup>25</sup> e *Slashdot*<sup>26</sup>, provoca uma discussão sobre a função do jornalista nesse processo, considerando, ainda, a

---

<sup>23</sup> Em 2013 o ex-ministro José Dirceu foi julgado e condenado a 7 anos e 11 meses de prisão. Passou 354 dias preso e foi liberado dia 04/11/2014 para cumprir prisão domiciliar. Ficou como articulista do blog até início de 2013.

<sup>24</sup> Esquema de compra de votos de parlamentares no Congresso com recursos não contabilizados. Crise política sofrida pelo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) entre 2005/2006.

<sup>25</sup> Produzidos por meio de colaboradores com tecnologias que simplificam a publicação e cooperação na rede favorecendo a integração de qualquer internauta no processo de redação, circulação e debate de notícias. <http://www.indymedia.org/pt/index.shtml>

<sup>26</sup> Projeto de webjornalismo participativo, sendo muito influente entre os que procuram informações sobre tecnologia de informática. <http://slashdot.org/>.

convivência em um mesmo momento do jornalismo tido como tradicional (aquele veiculado nas grandes mídias) e o jornalismo produzido na internet, tanto por empresas ligadas aos veículos de massa como pela ação de novos emissores de conteúdo.

Em sua obra *Gatewatching: collaborative online news production* (2005), Bruns propõe a teoria do *gatewatching* que, resumidamente, pode ser entendida como uma mudança na dinâmica de filtros que determinam o que é e o que não é notícia. Nesse contexto, o jornalista seria um observador dos portões de saída de veículos tradicionais e não tradicionais, buscando informação relevante e, assim que ela se torna disponível, direciona para o leitor/usuário. Ou seja, as informações que antes eram determinadas por um porteiro, o *gatekeeper*, para chegar ou não até o público, com essa nova configuração o poder do jornalista fica relativizado, já que inúmeras pessoas que passam também a atuar como editores ajudam a selecionar conteúdos a partir da imprensa tradicional.

Bruns (2005) vai reconhecer que no ciberespaço o processo de *gatekeeping* tem pouca força explicativa. Isso porque, na web, o poder de decisão estaria tanto nas mãos dos produtores, que nem sempre são jornalistas (já que qualquer internauta pode publicar conteúdo na web), assim como o usuário final, que ao navegar na web, age como seu próprio *gatekeeper*, sem necessariamente percorrer os veículos tradicionais de mídia. Apesar de a teoria do *gatewatching* estar estreitamente relacionada com o caráter mais colaborativo, interativo e participativo do jornalismo no ciberespaço, o pesquisador aponta um possível enfraquecimento do papel do jornalista na web, passando de alguém que busca os fatos, como o repórter, para alguém que procura coletar o máximo de documentos e links externos para direcionar o público aos assuntos de acordo com seu interesse. Ele funciona então como um bibliotecário. (BRUNS, 2005).

O pesquisador afirma que, nessa nova mídia, alguns remanescentes do *gatekeeper* ainda podem permanecer, mas que a extensão pela qual essas características permanecem serve como uma distinção-chave entre modelos diferentes de jornalismo on-line (BRUNS, 2005, p. 15). Para o estudioso, pode ser mais produtivo falar de “bibliotecários” do que de *gatekeepers* nesse estágio de *input* [na coleta de notícias]: enquanto o *gatekeeping* jornalístico seleciona informação com um claro objetivo de limitar o material que passa através dos portais, a fim de direcionar as necessidades de publicação dos veículos em que trabalham, os bibliotecários (que não são produtores de

notícias nem editores) reúnem o mais amplo conhecimento possível de seus campos, a fim de pontuarem os usuários das bibliotecas na direção correta (ou seja, na direção mais adequada às suas necessidades), mas não conseguem, nem tentam limitar o acesso dos usuários a todos os trabalhos contidos na biblioteca como um todo (BRUNS, 2005, p. 16).

Nesse sentido, Bruns (2005, p. 17-18) afirma que os colaboradores dessas bibliotecas comunitárias

empenham-se, portanto, em observar os portais de saída (output gates) de uma ampla variedade de editores tradicionais e não tradicionais, tanto quanto possível, com o objetivo de utilizar essa informação como fonte em novas reportagens. Isso faz com que seja mais apropriado referir-se ao trabalho deles como *gatewatching*.

Ele considera que alguns usuários de informações se confundem também com colaboradores, comentaristas e produtores do processo jornalístico. A isso ele define como *producers*. Independentemente dessa preocupação, é importante apontar aqui o caráter naturalmente agregador do *gatewatching*, em comparação ao caráter eminentemente massivo do *gatekeeping*, pontos que por si sós já levam as reflexões sobre a produção do jornalista nessas duas funções.

Nessa perspectiva, como podemos definir a função do jornalista Ricardo Noblat? Em sua rotina produtiva diária, o blogueiro durante a noite navega na internet e “garimpa” ou faz a clipagem das matérias que estão nos sites, blogs e revistas jornalísticas. Esse material é postado no blog com indicação das fontes e links para navegação nas páginas de origem do conteúdo. O jornalista trabalha praticamente sozinho, com auxílio de um repórter para fazer cobertura externa. Na seleção do que entra ou não no blog, Noblat faz uma distinção básica: tudo que é relevante, especificamente na área de política deve ser postado.

Meu critério de notícia é pela relevância. Não deu tempo e quem deu primeiro foi Josias (de Sousa, Folha São Paulo), não tem problema. Eu pego e cito Josias, o blog dele e o link. Eu dou a matéria e por que não daria? Eu trabalho sozinho, no máximo com um repórter, às vezes, passo meses e meses sem um repórter, jamais posso ter a pretensão de sozinho apurar tudo e concorrer com redações inteiras formadas. (NOBLAT, 2011).

O modo como o Noblat se posiciona na liberação comunicacional, os conceitos de *gatekeeper* e *gatewatching* auxiliam a distinguir especificidades na produção e fluxo de notícias. Esses conceitos são, portanto, importantes para compreender a forma como o jornalista-autor define as prioridades do conteúdo que será exposto ao público do blog. Tais características ganham corpo como objeto de estudo de gêneros jornalísticos em blog noticiosos, além de analisar o *modus operandi* de Ricardo Noblat que personifica o próprio autor e pode contribuir na categorização de um estilo para o jornalismo em blog.

### **Algumas considerações**

Mesmo que se possa questionar o conceito do *gatekeeper*, o jornalismo ainda atua no modo cotidiano de pautar acontecimentos e indivíduos; captar e selecionar aspectos da realidade; escrever, editar, ilustrar, titular e justapor notícias de forma a representar temáticas e grupos de uma sociedade. Essa reconfiguração de posições em que o jornalista Ricardo Noblat se estabelece na sua função de produzir e selecionador as matérias a serem publicadas aponta para um novo modo de se fazer jornalismo. Inclusive, com um dispositivo da segurança profissional conquistado pelas experiências vividas.

Quando seleciona o que deve ser publicado, Noblat faz uma distinção importante sobre o que é interesse público e interesse do público. Isso, porque o objetivo do seu trabalho como autor do blog é torná-lo um espaço de informação. Existe ainda uma distinção sobre o que o leitor quer que o jornalista comente e o que este define como relevante de ser comentado. Noblat explica que não quer que o seu blog caracterize-se como um espaço em que o titular tenta fazer “a cabeça das pessoas ou tenta ganhá-las para o que ele pensa. Quero que seja um espaço, acima de tudo, de informação”. (NOBLAT, 2011).

Ainda na função de *gatekeeping*, Noblat não se pauta por uma produção constante de informação comerciável, característica desse tipo de sistema, como condição necessária à sua continuidade como produtor de conteúdo. Embora exista uma relação comercial estabelecida com a empresa que hospeda o blog (O Globo), Noblat está em uma posição também de *gatewatching* que segue uma lógica diversa em que as principais características são a acessibilidade da notícia (e não apenas a seletividade do *gatekeeping*), permitindo a participação de outros produtores de conteúdo. Essa mesma

lógica do *gatewatching* define uma forma diferenciada de acesso do internauta que, pela lógica do *gatekeeping* na produção da mídia massiva, não ganharia força o suficiente para tal. Ainda assim, consideramos que no ambiente em que se faz o jornalismo do blog do Noblat, especificamente, podemos pensar em uma relação de intercessão entre os dois processos, *gatekeeping* e *gatewatching* numa dependência em graus e escalas variadas, um do outro.

Possivelmente, algumas informações possuem uma maior complexidade a serem coletadas e apuradas, assim como a visibilidade e prioridade na pauta jornalística passam a ter critérios de relevância a partir de determinados assuntos ditos factuais que envolvem desdobramentos da temática política, por exemplo, já que esta é a especificidade do blog do Noblat.

Esse conjunto de traços que caracteriza e personifica o seu estilo autoral seria um formato de jornalismo a ser consolidado? Não se faz aqui uma exclusividade da prática jornalística do blogueiro Ricardo Noblat, pois não se trata de uma escolha entre um ou outro jornalista de blog, mas no que tange às formas comunicacionais em transformações que estão em curso. Tentamos associar tais discussões à análise representativa do jornalismo em blog dentro de um universo múltiplo e plural do ciberespaço.

### Referências bibliográficas

- BRUNS, AXEL. **Gatewatching** – Collaborative online news production. Nova York: Peter Lang Publishing, Inc., 2005; 2009
- DIZARD, Wilson. **A nova mídia**: a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- NOBLAT, Ricardo. Entrevista. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas) – Universidade Federal da Paraíba, 2012.
- PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet**: Considerações Iniciais. Trabalho apresentado no XXVIII INTERCOM, em setembro de 2005, Rio de Janeiro/RJ. Trabalho publicado na Ecompos, Internet, v. 2, n. Abril 2005
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: Porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Teoria do Jornalismo**. A tribo jornalística: Uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 7. ed. Lisboa (Portugal): Presença, 2002